



CONFRADES DA POESIA

www.confradesdapoesia.pt - Email: pinhaldias@gmail.com



«JANELA ABERTA AO MUNDO LUSÓFONO/UNIVERSAL»

SUMÁRIO

Capa: 1 / Voz do Poeta: 2 / Cantinho Poético: 3 / Destaque: 4,5,6,7 Bocage/Patrono: 8,9,10

EDITORIAL

O BOLETIM Mensal Online (PDF) denominado "Confrades da Poesia" foi fundado com a incumbência de instituir um Núcleo de Poetas, facultando aos (Confrades / Lusófonos) o ensejo dum convívio fraternal e poético. Pretendemos ser uma "Janela Aberta ao Mundo Lusófono e outros países"; explanando e dando a conhecer esta ARTE SUBLIME, que praticamos e gostamos de invocar aos quatro cantos do Mundo, apelando à Fraternidade e Paz Universal. Subsistimos pelos nossos próprios meios e sem fins lucrativos. Com isto pretendemos enaltecer a Poesia Lusófona, no acréscimo da Poesia Universal e difundir as obras dos nossos estimados Confrades que gentilmente aderiram ao projecto "ONLINE" deste Boletim.

Promovemos "A Paz"
A Direcção

«Este é o seu espaço cultural dedicado à poesia»

Para nós não existe concorrência. Existem parceiros de actividade!

«Chegou o Inverno»



«Destaque: 4,5,6,7»



Nesta edição colaboraram 31 poetas

Deixamos ao critério dos autores a adesão ou não ao "Novo Acordo ortográfico"

FICHA TÉCNICA

Boletim Mensal Online

Propriedade: Pinhal Dias - Montemor o Novo - Portugal | Revisão: Lahnip

A Direcção: Pinhal Dias - Fundador

Colaboradores: Aires Plácido | Albino Moura | Ana Santos | Anabela Dias | Carlos A. Varela | Carlos Cebola | Chico Bento | Conceição Tomé | Filomena Camacho | Hermilo Grave | Ivo Furtado | João Coelho dos Santos | João da Palma | Jorge C Ferreira | José Branquinho | José Celestino Januário | José Jacinto | Luís Fernandes | Luís Filipe | Luiz Poeta | Magui | Manuel Carvalhal | Manuel Nobre | Maria Braz | Maria Melo | Paco Bandeira | Pinhal Dias | Qim Abreu | Rita Rocha | Rosa Lobato Faria | Tito Olívio | Vitalino Pinhal ...



VIAGENS.

Parafraçando Mário Quintana, devemos sair à rua como quem foge de casa; como se estivessem abertos todos os caminhos do mundo. Acrescentando ainda:

“Viajar é mudar o cenário da solidão.”

Fernando Pessoa parece ter uma opinião diferente:

“Quem cruzou todos os mares cruzou somente a monotonia de si mesmo”

“As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.”

Miguel Torga opina:

“Viajar, num sentido profundo, é morrer. É deixar de ser manjerico à janela do seu quarto e desfazer-se em espanto, em desilusão, em saudade, em cansaço, em movimento, pelo mundo além.”

Sêneca concluiu:

“Foges em companhia de ti próprio: é de alma que precisas de mudar, não de clima.”

Michel de Montaigne escreveu:

“Costumo responder, normalmente, a quem me pergunta a razão das minhas viagens: que sei muito bem daquilo que fujo, e não aquilo que procuro.”

Marques de Maricá:

“Se as viagens simplesmente instruísem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos.”

François Chateaubriand:

“O homem não precisa de viajar para engrandecer; ele traz em si a imensidade.”

Cazuza, então parece relativizar este belo prazer:

“A viagem só é necessária para as imaginações curtas.”

Alheando-me a todos estes comentários, confesso:

Gosto bastante de viajar.

Filomena Gomes Camacho - Londres

Criança pássaro que voa

**Criança, pássaro que voa
Nas asas soltas ao vento
És barco sem rumo, sem proa
Liberta, no pensamento.**

**O Homem fez-te sofrer
Por erros mal-intencionados
É a tua esperança a morrer
Nos teus sonhos amedrontados.**

**O teu olhar está marcado
Pela dor de quem é humilhado
Numa guerra por entender de ódio
e ambição.**

**Sufocas uma infância oprimida
Numa violência premeditada e des-
medida
Que endurece o teu coração.**

**Ana Santos
Vilar de Andorinho**

Fez-se branco

Fez-se branco
O olhar
Puro
Do teu
Corpo.

Albino Moura - Almada
(Saudoso)

UM POEMA

«Murcharam as esperanças,
Rebentaram,
Como balões de crianças.»

Meu soluçar, é um choro d'ilusões,
Caminhar ao longo d'um calvário,
Onde só vejo olhos de leões.

Devia estar num lugar ermo, solitário,
Longe de malditas maldições,
E daquele riso sanguinário.

Mas avanço com dor intensa,
Por entre mentalidades empedernidas,
Por estranha maldição, ficaram suspensas.

Ficaram em loucos paroxismos,
Com mandantes, a estenderem mãos impuras,
Suplicam, exoram e tombam nos abismos.

Carlos Alberto Sequeira Varela
Paços de Brandão

O passado..., já lá vai!
Olho o futuro com esperança,
de poder contribuir,
de algum modo,
para a mudança,
..., sempre com a Poesia!

Ivo Álvares Furtado - Lisboa

O QUE SINTO, É SAUDADE

1
De vez em quando recordo
Aquele cantinho onde nasci
E de manhã quando acordo
Ó minha terra, choro por ti

Escrevo depois uma cantiga
Que dou para alguém cantar
Porque essa linda terra amiga
No meu peito hei-de guardar

Refrão 2 X

O que sinto, é a saudade
Da bela terra que um dia
Há muito nascer me viu
É esta a dura realidade
Estando longe, adeus alegria
E no peito sinto um vazio

2
Sempre que posso, regresso
Quero as saudades matar
É rezando a Deus eu peço
Que me deixe um dia lá voltar

No meu peito tenho guardada
Num cantinho bem escondida
Essa tão linda terra amada
Que me viu nascer prá vida

Chico Bento
Anais – Ponte de Lima





“Cantinho Poético”

EM VERDADE VOS DIGO

Eu que já fui maltês sem horizonte
 Das mil e uma noites sem destino
 Mercenário da alegria
 Drogado traficante
 De liberdade música pousia
 Fui demónio e arcanjo de mim mesmo
 Fui Lázaro morri e ressuscitei
 Sempre cantei e amei à beira do abismo
 Conheci Deus e não acreditei
 Para uns eu sou a VOZ o Norte
 O jeito de cantar
 Para outros, charlatão com sorte
 De atar e pendurar
 Ai... o que a vida faz de nós
 Ai... onde eu me meti
 Ai... o que eu pago por usar a voz
 E por gostar de rir
 Serei eu o canteiro do meu fado
 O escultor do meu verso desatino
 O justo o vilão o engenho com tino
 Instrumento de mão ou do destino
 Em verdade vos digo quando canto
 Até eu fico um pouco admirado
 Se o barro dos meus pés
 Vos causar algum espanto
 Peço perdão, mas não me dou por culpado

Paco Bandeira - Montemor o Novo
 (Há mais de 40 anos fiz esta canção
 que já dizia e continua a dizer quem penso que sou)

Na dor da morte

Na imagem do pensamento eu vi
 Na sombra do pensamento fiquei
 Na ansiedade da dor me apercebi
 Que a miragem desse sonho era aí
 A treva da escuridão com que sonhei.

Poeta Mourense
 José Januário
 Moura

Começo a mostrar os meus dentes
 apenas para comer figos
 estão incluídos parentes
 e os meus falsos amigos.

Vitalino Pinhal - Sesimbra

Amei-te com as palavras

Amei-te com as palavras
 com o verde ramo das palavras
 e a pomba assustada do coração.

Amei-te com os olhos
 o espelho doido dos olhos
 e a sede inextinguível da boca.

Amei-te com a pele
 as pernas e os pés
 e todos os gritos que trago
 por debaixo da roupa.

Amei-te com as mãos
 As mesmas com que te digo adeus.

Rosa Lobato Faria

Rua dos Cavalos

Hoje, são automóveis. Outrora,
 era o rodar das carruagens
 e das segues, rua fora.
 Era o trote dos cascos, nas calçadas.
 Era a música sincopada das guizeiras.
 Era o estalo do chicote, nas lombadas
 de cavalos de raça.
 Era o donaire, a graça
 de um belo alazão.

....

Hoje, são automóveis - a poluição.

Carlos Dinis Tomás Cebola
 Montemor o Novo

Uma coisa bela de efeito
 Que na vida aparece;
 Aquele amigo do peito
 Que amizade merece!
 A vida sem amigos não é vida
 É como alguém no deserto
 A vida para ser bem vivida:
 Só com sinceridade por perto
 É o melhor procedimento,
 Numa simples amizade
 É preciso haver entendimento?
 Havendo em ti, humildade.

Luís Filipe Neves Fernandes
 Amora

Jogos de Amor

Ai, amor, como te quero !
 Não ha outro amor assim...
 Mas sendo eu tão sincero,
 Inda duvidas de mim !

Os teus olhos dizem « sim »,
 Mas tua boca diz « não ».
 Persistindo, hei-de pôr fim
 A esta contradição !

Eu sei que não luto em vão,
 Pois, de tanto te querer,
 Por mais que ela diga « não »,
 Tua boca ha-de ceder !

A tua boca é magana,
 Gosta muito de brincar.
 Eu sei bem que ela me engana,
 Somente pra me atçar !

Um dia (que coisa louca !),
 Alcançarei meus desejos:
 Vou calar a tua boca,
 Cobrindo-a toda de beijos !

Hermilo Grave
 Paivas/Amora

A tristeza nos invade

////

Se a tristeza nos invade
 Desperta em nós a saudade
 E nos deixa até sem chão
 Familiares e amigos a partir
 E sem vontade de sorrir
 Aperta-nos o coração

//

Deixa-nos a meditar
 Com amizade a pensar
 Nos amigos que perdemos
 Mas a vida é muito ingrata
 Torna a saudade bem chata
 Com o tanto que sofremos

//

Ficamos cada vez mais pobres
 Com esses seres tão nobres
 Que nos deixam a lamentar
 Mas temos que nos convencer
 Que a vida um fim vai ter
 Num dia sem nos avisar

////

Maria de Lurdes Brás
 Almada



“Biografia”

TITO OLÍVIO HENRIQUES nasceu na Freguesia de Vila Cova do Covelo, concelho de Penalva do Castelo, distrito de Viseu, a 23 de Março de 1931.

Foi para Lisboa com 3 anos de idade, onde fez a instrução primária na Escola de S. Sebastião da Pedreira, o curso liceal no Liceu de Camões e a licenciatura em engenharia civil no Instituto Superior Técnico, tendo iniciado a vida profissional em 1958, depois de ter cumprido o serviço militar na Escola Prática de Artilharia, em Vendas Novas, e no Regimento de Artilharia Pesada 1, em Sacavém, de onde saiu com a patente de alferes.

É técnico-voluntário do Refúgio Aboim Ascensão e membro da Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

É membro efectivo da Academia Brasileira Virtual de Letras e da Academia Virtual TóKandar (Brasil-Portugal). Nesta última, tem 3 livros virtuais na Biblioteca.

Foi presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação dos Jornalistas e Escritores do Algarve (AJEA), desde 1998.

A Cruz Vermelha Portuguesa, em 1973, agraciou-o com a Medalha de Louvor.

E o Município de Faro com a Medalha de Ouro de Mérito, em 2011.

Colaborou, em verso e prosa, em jornais diários e regionais, em revistas e antologias, Foi conferencista e organizador de eventos culturais.

É Membro de: - Academia Tókandar; Portal Cen;AJEA;Rotary International (Rotary Club de Faro);APP;AVBL e outros... É membro de "Confrades da Poesia"

Bibliografia

Livros em versão electrónica:

O ABRAÇO AZUL- CONTOS- PARA QUÊ, HELENA? -Poemas Floridos no Lago de Ti; Quando acaba o Infinito

Livros em versão de papel:

O Romance do Homem Solitário- Sonetos Proibidos e Outros Poemas- Roteiro do Algarve- Divisão Administrativa do Algarve- Algures... Alguém- A Democracia que temos-Contradições da Democracia- Cantata para um corpo-Formas de fumo-A Gota de Água-Flor de Luz-Ode a Penha Garcia- Justiça Social-Sombra Desfeita- A Cauda do Cometa- Lenda do Moliceiro- Guia Prático do Poeta-E Agora?...- Os Anos Dourados do Volfrâmio-Mudar é preciso- Diabruras da Minha Pena; O ABRAÇO AZUL -Poemas; OBRA POÉTICA - Poemas e Pinturas; ANTIGO TESTAMENTO (Versão Reduzida) - Vol. 1 e Vol. 2 - POSTAIS DA SERRA – Crónicas; JANELA ABERTA - Poemas; POEMAS FLORIDOS NO LAGO DE TI - Poemas; QUANDO ACABA O INFINITO - Poemas; “Coleção Cadernos Santa Maria” Vol, I,II,IV,V

Poderá consultar ainda o site dos Confrades - <http://www.confradesdapoesia.pt/Biografia/TitoOlivio.htm>



NÃO ÉS TU

Com muita pena minha, não és tu
A mulher do meu sonho, a que sonhei
Para fazer de mim príncipe ou rei
Neste mundo tão louco, mau e cru!

Nem esse teu cabelo, cor caju,
Nem esse olhar de anil imaginei!
Nem tuas mãos der jaspe idealizei
Para afagar meu peito, quente e nu!

Nunca gostei de seios de cristal,
De braços de arlequim em pedestal
Ou de fina cintura comprimida.

Justo seria então eu não te amar,
Mas, por razões que não sei explicar,
És afinal o amor da minha vida!

Tito Olívio - Faro

EU VOS DIGO

Eu vos digo que, pensando,
Não chego a lado nenhum,
Dos meses, que vão passando,
Vou vivendo apenas um.

Que justiça será essa,
Que só me deu a má sorte,
Mas eu não fiz a promessa
Pra que sofra e não me importe.

Só preciso de sossego
E música a pouca altura,
Um doce e sério chamego,
Inspiração com fartura.

Há mais areias nas praias
Do que estrelas o céu tem,
Calças há menos que saias
E eu vivo sem ter ninguém.

Tito Olívio - Faro

REFLEXÃO

Espelhei-me na minha reflexão:
Nada mais que um vazio amargurado,
Sopro de vida num tempo rasgado,
Doce loucura, nua interdição.

Recusei enfrentar minha razão,
Filtrei a voz do sonho humanizado,
Agasalhei o corpo já cansado
De fugir aos tropeços da paixão.

Pousei na escuridão do universo,
Emanhei-me num destino adverso,
Destino estranho numa estranha herança.

Fiz da palavra o meu esconderijo
E, entre atalhos de dor e regozijo,
Pintei o meu futuro de esperança.

Tito Olívio - Faro



“Biografia”



“Poesia é o goivo lírico”

João da Palma Fernandes, nasceu a 11 de Fevereiro de 1940, no pequeno Monte de Tacões, Freguesia de S. João dos Caldeireiros, Concelho de **Mértola**, começando a trabalhar no campo, mas não se conformando foi para Marçano em Santa Clara de Louredo (Boavista, Beja).

Aos 16 anos ingressou na Hotelaria em Beja, vindo nos anos 60 para o Algarve, Praia da Rocha nos departamentos da Restauração onde passou pelos dois melhores Hotéis dessa altura, Sol e Mar em Albufeira e Penina Golfe Hotel como Chefe de Mesa.

Casado com Maria Judite Fernandes, de quem tem uma filha, vivendo definitivamente para elas as duas.

Nos anos 80, por causa dos Jogos Florais em que participava na brincadeira, foi premiado nalguns, daí nunca mais se desligou da poesia que estava no seu sangue a hibernar...

Brevemente pensa editar um livro. Tem participada em várias Antologias.

Faz parte do "**Mensageiro da Poesia**" em Amora, onde colabora dentro da sua humildade poética. Também é Colaborador Permanente de "**Confrades da Poesia**" e "**Rádio Confrades da Poesia**" – Amora / Portugal

Site - <http://www.confradesdapoesia.pt/Biografia/JoaoDaPalma.htm>

De cravo ao peito

Mote:

Já tenho visto no peito
De certos tipos janotas...
Cravos que, no meu conceito,
Deviam trazer nas botas.

*

Já tenho visto no peito
De muitos, vira casacas
Cravos que fizeram jeito
As duvidosas patacas...

*

As mentes oportunistas
De certos tipos janotas...
Com ideais direitistas
Viraram almas canhotas...

*

Visto que não há respeito
Essas flores de mau grado...
Cravos que, no meu conceito
Não estão no sítio acertado.

*

E, se essa gente louca
De burros, não pagam quotas,
Em vez de cravos na roupa,
Deviam trazer nas botas!

*

João da Palma - Portimão

“MOMENTO DE CAÇAR”

Vamos à caça aos “primeiros”
Que são os que comem mais,
Porque dos milhos rasteiros,
Restos de ricos, rendeiros...
São comidos p’los pardais!

Vamos à caça de quem,
Nesta vida não trabalha
E a riqueza lhe advém
Do povo, e de mais ninguém,
Prenda-se essa canalha!

Prenda-se a corrupção,
Doces, azedos e salgados...
Que sugaram a Nação
E ainda há muito ladrão,
Que têm de ser caçados!

Vamos caçar os ladrões
E, pegá-los de cernelha...
Políticos e aldrabões
Que nos cortaram milhões,
Vamos metê-los na grelha!

João da Palma - Portimão - PT

“NÃO VENHAM, TEMPESTADES!”

*

Será que a IRENE já não vem,
Depois de o HYUGO já ter regressado?
Oxalá que não venha esse TORNADO,
TUFÃO ou TEMPESTADE, nem convém!

*

Será que a IRENE fique além...
Deste nosso país, tão moderado?
Fique lá com o HUGO apaixonado,
Não venha, que o JOSÉ também não vem!

*

Não venha a KATIA, o LEO e a MARINA
O NUNO, a OLIVIA, essa ladina...
Não venha o SAMUEL, claro que não!

*

A TELMA e o VASCO, fiquem lá...
O WIAM o final, não venha cá,
Não venham Tempestades, venha o VERÃO!

*

João da Palma - Portimão



Biografia

João Coelho dos Santos



JOÃO COELHO DOS SANTOS - Nasceu em Lourosa, Santa Maria da Feira, a 14 de Agosto de 1939. Seus pais foram o industrial José Coelho dos Santos e Maria Celeste Fernandes Tavares.

Aos onze anos de idade ficou órfão de Mãe. Passou a viver em Lisboa tendo estudado no Colégio “O Académico”, no Liceu Camões, no Colégio de São José - Mangualde, e na Faculdade de Direito de Lisboa. Foi, durante quase vinte e três anos, Secretário Geral do ACP-Automóvel Club de Portugal e, durante dois mandatos, Vereador do CDS na Câmara Municipal de Lisboa.

É membro, com diversos graus honoríficos, de dezenas de instituições portuguesas e estrangeiras. É membro dos Confrades da Poesia há décadas.

É autor de 61 livros (31 Poesia, 11 Teatro, 5 Biografias históricas e 14 Pedagógico/didáticos)

Blog: <http://joaocoelhodossantos.blogs.sapo.pt/> - <http://www.confradesdapoesia.pt/Biografia/JoaoCoelhoSantos.htm>

Poema

Cada um tem suas necessidades
Físicas e sensuais,
E é dependente
Do meio que o cerca.
Para além de psicólogos,
Moralistas e filósofos,
Há que ouvir
A voz da alma,
A voz da consciência.
Nietzche e tantos outros,
Bem querem ou quiseram
Acabar com Cristo.
Mas o Papa Francisco
O fez ressuscitar
No coração da Juventude.
O Reino dos Céus
Está ao alcance
De todos, todos, todos.
Não basta ter Fé, acreditar,
É preciso cuidar do Outro,
Do Outro, do Outro.
Baixa o olhar e vê o Irmão
Que está em baixo
E precisa de uma mão
Que o ajude a não cair.

(João Coelho dos Santos)

Foi bonito seu passado
Vivido como um fado.
O futuro é de muita esperança
Nesta nova equipa – ainda criança.
Nós, poetas e poetisas, motivados,
Queremos que a nossa APP
Seja (e será) cada vez melhor.
Todos sabemos PORQUÊ.

João Coelho dos Santos
Lisboa

NATAL DE QUEM?

*Mulheres atarefadas
Tratam do bacalhau,
Do peru, das rabanadas.*

*- Não esqueças o colorau,
O azeite e o bolo-rei!
- Está bem, eu sei!
- E as garrafas de vinho?
- Já vão a caminho!
- Oh Mãe, estou p'ra ver
Que prendas vou ter.
Que prendas terei?
- Não sei, não sei...*

*Num qualquer lado,
Esquecido, abandonado,
O Deus-Menino
Murmura baixinho:
- Então e Eu,
Toda a gente Me esqueceu?*

*Senta-se a família
À volta da mesa.
Não há sinal da cruz,
Nem oração ou reza.
Tilintam copos e talheres.
Crianças, homens e mulheres
Em eufórico ambiente.
Lá fora tão frio,
Cá dentro tão quente!
Algures esquecido,
Ouve-se Jesus dorido:
- Então e Eu,
Toda a gente Me esqueceu?*

*Rasgam-se embrulhos,
Admiram-se as prendas,
Aumentam os barulhos
Com mais oferendas.
Amontoam-se sacos e papeis
Sem regras nem leis.
E Cristo Menino
A fazer beicinho:*

*- Então e Eu,
Toda a gente Me esqueceu?
O sono está a chegar.
Tantos restos por mesa e chão!
Cada um vai transportar
Bem-estar no coração.*

*A noite vai terminar
E o Menino, quase a chorar:
- Então e Eu,
Toda a gente Me esqueceu?
Foi a festa do Meu Natal
E, do princípio ao fim,
Quem se lembrou de Mim?
Não tive teto nem afeto!*

*Em tudo, tudo, eu medito
E pergunto no fechar da luz:*

- Foi este o Natal de Jesus?!

Há dois mundos

Há dois mundos bem distintos:
O profano e o religioso.
Qual a origem do Mundo?
Como explicar o inexplicável?
São interrogações
Que desinquietam o ser pensante.
Einstein ensinou
Que se a cada dúvida,
Formos interrogando
Nas intermináveis
Especulações metafísicas,
Como a criança,
E porquê? E porquê?
Chegaremos a Deus.
Tanta majestade
Encanto e mistério na Natureza.
Como decifrar
Os hieroglifos
Do transcendente?
Há quem tenha horror
Ao nome de Deus,
Deus de Amor e Consolação.
A Fé sente-se,
Não precisa de ser provada.



“Biografia”

“Manuel Nobre”

Manuel Santos Leonor Nobre – nome literário “**Manuel Nobre**” – nascido a 26 de Janeiro de 1954. Natural de S. Teotónio – concelho de Odemira. A residir em Sines. Filho de uma família de pequenos agricultores. Habilitações literárias ; 4ª classe. Em outubro de 1971 com 17 anos de idade alistou-se como voluntário para a Marinha Portuguesa; passando à Reserva em Outubro de 1975. Foi ex-combatente na Guiné-Bissau, de Janeiro/73 a Outubro/74, como Marinheiro Artilheiro. Deu continuidade como militar nas Forças da Guarda Fiscal em set/78, prestando serviço fiscal em várias unidades.

Em Março 1982 com várias formações profissionais - colocado em Sines, desempenhando as funções de Op.Trans. e cripto – até dezembro de 2002. Data de sua aposentação.

A vida de labuta e vontade de trabalhar enfrentou - (CAP) com máquinas de elevação como manobrador em várias empresas no complexo industrial de Snes até 2006. O seu gostar pela música o levou a tocar viola e a cantar nos centros de convívio. Na poesia é dotado em fazer quadras alusivas aos seus cantos, partilhando-as no boletim mensal dos Confrades. É membro dos “**Confrades da Poesia**” ...

Link dos Confrades - http://www.confradesdapoesia.pt/Biografia/Manuel_Nobre.htm

Fado Marujo

Já não se veem Marinheiros fardados,
Quando se anda por Lisboa...
Recordo-me dos tempos passados,
E a saudade me magoa.

Pareciam Gaivotas em bando,
Garbosos e com vaidade...
Eles iam calcorreando,
Dando mais beleza à Cidade.

Manuel Nobre - Sines

Como gosto de agricultura,
Experimentei por acaso...
Tenho alfaces com fartura,
Que plantei aqui num vaso.

Carne ou peixe a acompanhar,
Vão ser assim degustadas...
Têm muito melhor paladar,
Por serem por mim plantadas.

Manuel Nobre - Sines

A Rosinha dos limões

Quando a tristeza nos invade,
A música dá-nos motivação...
Juntos matamos a saudade,
Eu, o Casimiro e o João.

Manuel Nobre - Sines

Cefeira

A cantar lembro o passado,
Uma parte da minha vida...
De ceifar e guardar gado,
Sem pré, mas com muita lida.

Manuel Nobre - Sines



Bom Dia Amizades

Como Natureza é bela!
Estive a contemplar...
Aqui da minha janela,
O arco-íris e o mar.

Manuel Nobre - Sines

(Quinta Sinfonia)

Procuo assim a motivação,
P'ra não dar parte de fraco...
Cantando esta canção,
Que é do amigo Paco.

Manuel Nobre - Sines

Quando vamos ó Algarve
Visitar os nossos Môces...
Petiscamos uns bolinhos
P'ra dizermos palavras dôces.

Manuel Nobre - Sines

Morna de encantar

A cantar sinto consolo,
O Tito Paris tento imitar.
Com o meu fraco Crioulo,
Nesta Morna de encantar.

Manuel Nobre – Sines

E o pedido assim foi satisfeito
Dedicado ao Pinhal Dias
(Poema para um pescador)

A pedido d'um Filho da Escola,
Toco e canto esta Melodia...
E assim com a minha Viola,
Eu afasto a Nostalgia.

Manuel Nobre - Sines

Hoje eu estou recordando,
Os "Duo Ouro Negro" saudosos.
E assim estou cantando,
Um tema que os pôs famosos.

Manuel Nobre - Sines



“Bocage - O Nosso Patrono”

Á Memória de João de Deus

Num belo dia de Primavera,
Manhã de arco-íris,
Nesta linda terra,
Uma criança perguntou-me
Se eu era feliz?
E se gostava de ler?
Eu de imediato,
Aprontei-me a responder:
Que sim!—
Ela riu-se para mim,
Com um livro na mão
Qual não foi o meu espanto:
Quando vi João de Deus!
A criança de voz docinha,
Numa bonita gracinha,
Me disse:
Sem nenhuma hesitação
É lindo o livro de João de Deus!
E eu fiquei seduzido,
Ao redor... na tenção da criança
Toda, imensa sem igual...
Repetida e lembrada...
A bela lembrança:
Da eterna, formosa e boa
Pessoa... do Sul de Portugal!...

Luís F. N. Fernandes - Amora

O VÉU DA NOITE

O véu da cidade
Bordado de estrelas
Anunciou a noite
Descobriu o luar.
Sorrindo ao vê-las
Tento encontrar
A luz do teu olhar
Que meus olhos atraí
O meu sentido
Do céu já não sai.
O véu da noite,
Bordado a ponto luz,
Acende a minha ansiedade
Vem, amor e me seduz
Enquanto dorme a cidade.

Maria Graça Melo - Lisboa

Uma loucura doce. Uma porta aberta para o inesperado. As nuvens mudavam de cor. As cores davam sentido à vida. Havia um espelho que reflectia todas as tentações. Um ténue véu destacava a sua nudez.
Encantamento.

Jorge C Ferreira - Mafra

Solução p'ra Crise.

Está na ponta da caneta
De quem faz e nem prometa
O limiar da pobreza
Com os negócios da trêta
Já não há no Planeta
Alegria e pão na mesa

Triste vida que tristeza
Não olhares p'ra nós riqueza
E trazes a solução
Com trabalho com certeza
Que trazias fortaleza
A qualquer pobre Nação

Não te imponho condição
Mas p'ra tua informação
Quero que fiques a saber
Se não ouvires quem tem razão
Vás morrer na confusão
E não me sabes entender

No meu simples escrever
Não me dou a conhecer
Mas quero-te perguntar
Porque vou empobrecer
E mesmo já sem nada ter
Ainda te vou pagar

Não devia haver lugar
Para quem anda a mandar
Em nome da União
Porque dá sem nada dar
E continua a roubar
Qualquer pobre "Geração".

Silvais –Évora

Amigo poeta é lindo
este poema que é seu
eu também por cá vou indo
num Universo igual ao teu
Fui-me criando a imaginar
o que gostaria de ser
leve a vida a lutar
e é o que continuo a fazer
Nunca fiz nada de errado
que tenha que me arrepender
sou feliz no meu pecado
esperando o anoitecer.

Vita - Sesimbra

Alcançar o que sonhamos.
Tredécima PD 173)

Mote

**Alcançar o que sonhamos
Ver luz ao fundo do túnel
Ultrapassar obstáculos...**

(3 em 1)

Alcançar o que sonhamos
O amor que nada custa
Avança na causa justa
Bom lugar que apanhamos
Pela fé que alinhámos
Apoio por sustentáculos
Subir até aos pináculos
Muita gente a granel
Ver luz ao fundo do túnel
Ultrapassar obstáculos...

Pinhal Dias (Lahnip) PT
Montemor-o-Novo

Sonho de Marinheiro

**Na vida do Mar
O dia mais lindo
Foi quando a sonhar
Já te estava ouvindo
Dizer maravilhas
Sem ter navegado
Com tão lindas Ilhas
Ali ao meu lado
No Cais atracado
AS Mulheres Bonitas
Já tinham esperado
As Fardas benditas
As mantas de sêda
Com tão longas fitas
Marujo com "trêtas"
A fazer conquistas
Nos Bares e nas Docas
Cervejas e vinho
Carinhas larocas
A dar-me Carinho
Ali ao Cantinho
Uma Mulher chorava
Pelo Marujinho
Que não regressava
Com isto acordava
Dum Sonho tão Lindo
Já não vi mais nada
E fiquei Sorrindo!**

Manuel Carvalhal - Évora

“Bocage - O Nosso Patrono”**O SOL E A VIDA**

O Sol e a Vida
Nem sempre o Sol ...
É a estrela do nosso olhar...

Nem sempre o Sol
Que se espelha em nós...
Existe dentro de Nós...

Viver refletindo Sol...
É como se a cada instante ...
Uma lufada de amor ...
Nos invadissem a alma...

Mas ... Nem sempre ...
Tudo isso se conjuga...
O Sol ... O Amor...
E essa dita lufada ...
Perdida ... Por aí ...
Esperando ser Encontrada...
Abraçada ... E guardada...

O Sol ... E a Vida...
O Amor ... E o Silêncio...
Razões ...
Que Permanecem ...
No tempo...
Futuro... E inconsciente...
Criando Ilusões ...
E Quimeras...
Donas de uma razão ...
Sem sentido...

Margarida Moreira (Magui)...
Sesimbra

Eternidade

*Que nunca tanto uns olhos choraram
Nem mesmo um coração ainda que forte
Tantas e tão sentidas dores suportou;
Que só entendem o amor os que já amaram
Aqueles que só esquecerão pela morte
O que esquece em vida quem nunca amou.
Que nunca as lágrimas foram tão sentidas
Nem tão bem mostraram no rosto magoado
A imagem triste duma alma torturada;
Que só há solidão nas almas abandonadas
Ao destino de quem nasceu malfadado
Para jamais ter a felicidade desejada.
Que nunca o poeta sentiu na mão a dor
Gerada no cansaço de tanto escrever
Sobre o que da vida se não vê mas sente;
Que não haverá nunca Primavera sem amor
Nem a mais simples flor ao amanhecer
Deixará de o inspirar e ser eternamente.*

Quim d'Abreu - Laranjeiro

É TRISTE SER SE ENGANADO

É triste ser-se enganado
Por um amor atraído
E que devia ser sincero
Tu querias voltar atrás
Aceitar-te não sou capaz
E sofrer por ti não quero

Ser fiel tu me juraste
Mas essa jura quebraste
Ao primeiro contratempo
Tantas vezes tenho dito
Que em ti já não acredito
Depois do meu sofrimento

Dizes-te agora arrependida
Porque essa sonhada vida
Não correu como tu querias
Quero-te bem longe de mim
Para que eu possa enfim
Esquecer esses tristes dias

Vais dizendo em todo o lado
Que eu sou o teu bem amado
E junto a mim te sentes bem
A mim não enganas mais
São fingidos os teus ais
Que eu conheço muito bem .

Chico Bento
Anais-Ponte de Lima

POETAS

*Poetas, que vivem a utopia
De querer mudar o Mundo.
Que loucura tão sensata,
Ver o Mundo em serenata
Feita de Amor e Alegria!*

Conceição Tomé - Corroios

Agúdias

As formiguinhas-de-asa
Eh, tantas, não são demais!
São entusiasmo brasa...
Para o bico dos pardais.

Dos pardais e dos chapins
E de toda a passarada,
De lagartixas e afins,
Sim, de toda a bicharada.

São tantas, tantas, milhões!
Eh, tantas não são demais!
Por aí tantos comilhões...
Mas a fama dos pardais.

(Ap) - Amadora

VOLVIDOS ANOS

Esperei-te neste lugar de amor
Minha Flor d'amor, minha bem-amada!
Aqui te amei até alta madrugada
Num tempo de vida - vida em flor.

Volvidos anos, quis o meu destino
Aqui voltar e esperar por ti.
De novo, não sabes o que senti
Mas, por certo, digno de melhor hino.

Hoje vim, de novo, a este lugar
P'ra um pouco melhor te recordar
Pensando, Flor, em nova madrugada.

Recordei o meu tempo de estudante
Talvez o melhor, o mais importante,
Contigo ao lado, minha namorada.

JGRBranquinho - Lisboa
(saudoso)

A CRIAÇÃO

O homem é o modelo das criaturas
A mulher a obra prima

O homem lidera
A mulher apazigua.
A liderança comanda
A paz ameniza

O homem domina
A mulher condescende.
O domínio subjuga
A condescendência tolera

O homem é um ser criativo
A mulher é a criação.
A criatividade inventa
A criação gera existência.

Filomena Gomes Camacho
Londres

O secreto desejo
Em que vivo
No deserto de mim
Deixa chamar
Com um grito
A secreta ternura
Dos abraços amados

Albino Moura - Almada
(Saúdo)



“Bocage - O Nosso Patrono”

Quadras

Ser cínico e invejoso,
E dizer mal sem razão,
Não é bom, nem é honroso,
E é reles promoção.

Não falo em teu desfavor,
Quando dizes mal de mim;
Perderia o meu valor,
Seria igualzinha a ti.

Eu gosto de conviver,
E de fazer amizades,
Não posso compreender,
Injustiça e falsidades.

Provocas-me com tanto zelo,
E dizes mal sem razão;
Ou é dor de cotovelo,
Ou é má educação.

Anabela Dias – Paivas Amora

AINDA HÁ TEMPO

Ainda há tempo.
A Geração seguinte merece
que lhe deixemos uma herança boa.
Ainda há tempo.
Para começar,
despedir os políticos
que só usam o tempo a seu favor
e não reconhecem que a Ciência
é mais que entretenimento
e não dão valor ao momento
que transporta cada vez mais.....
mais calor.

Ainda houve tempo
para dizer isto.
Que fique para registo.
Ainda há tempo
para se fazer mais que isto
e não ficar só por escrito.

José Jacinto “Django”!
Casal do Marco

SONETO- AMOR

Vejo-te passar lá nas pedreiras,
ao balanço das águas-correntes;
no marulhar das corredeiras
crias situações polivalentes.

Depois procuras um descanso,
diante de todos a te admirar;
vejo-te que banhas no remanso,
e nem vê o meu perdido olhar!

Segues depois novos trajetos
numa leveza quase invejável;
a bailar nas águas e dos afetos.

Buscas conquistas tão adversas
que consegues sem grande esforço,
oportunidades, não te são dispersas!

Rita Rocha - Monte Alegre/BR

Pensamento

Na passagem da vida
Fica o que foi verdade...
Da vida que foi vivida,
Apenas fica a realidade!
Porque a vida é com certeza
Eterno encanto de beleza

Luís F. N. Fernandes - Amora

Devo Ir

Se me apetecer ir correr
Pelos campos fora. Sugando sonhos, vertendo sorrisos,
Devo ir, sem cuidar saber
Se pode haver lugar para provar sabor justo de juízos.

Quim d’Abreu - Almada

ROSAS E ADAGAS

Transforma tua adaga numa rosa...
Perfuma-te de amor, olha que em volta
Teu sonho ainda é pólen que se solta
Da tua solidão mais tortuosa.

O que se foi e não vai retornar,
Por uma imposição do teu destino,
Esquece... diante do desatino,
Só resta ser menino... e sonhar.

E cede à tentação de algum rancor,
Resgata – sem querer – um novo amor
Na dor do coração que o entristece.

Então, ante essa dor que perpetua
A tua dor mais triste e necessária,
Percebe que se a dor é arbitrária,
É que há vida em tua pele nua.

E nota que é na pétala que cai,
Qual lágrima que irriga alguma dor,
Que a vida que há no pólen de uma flor
Desperta outra flor e a dor... se esvai.

São armas as espadas e as adagas
Que fazem a vida chegar ao fim,
Mas lembra-te das flores do jardim.
Que nascerão do amor que tu afagas.

Luiz Poeta – Luiz Gilberto de Barros
RJ/BR



**COMÉRCIO
DO SEIXAL E SESIMBRA**

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO
E PUBLICIDADE
Rua Bernardim Ribeiro, no 39
2840-270 Seixal



As fotos deste Boletim
são dos autores e
outras da Internet

«A Direção agradece a todos os que contribuíram
para a feitura deste Boletim».

Voltamos a 2/12/23